

## Por que se diz 'fábula' e Sobre os diversos nomes dos deuses: tradução de duas narrativas programáticas do Segundo Mitógrafo do Vaticano

Victor Campos Mamede de Carvalho\*

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Autor – Victor Mamede  
Orientador – José Amarante

A tradução que se veicula neste trabalho, inédita em língua portuguesa, é dedicada às duas primeiras narrativas que abrem a compilação mitográfica do Segundo Mitógrafo do Vaticano, e sua seleção se deu pela natureza da discussão apresentada, em seu caráter programático, uma vez que os textos escolhidos discutem a natureza da narrativa fabulística, mítica, com destaque para suas formas de interpretação, especialmente a interpretação evemerista, na discussão sobre os nomes dos deuses.

O Segundo Mitógrafo do Vaticano é um dos três autores anônimos que compõem o conjunto de três obras primeiramente encontradas pelo prefeito do Vaticano, Angelo Mai, em 1831, editadas sob o título *Classicorum Auctorum e Vaticanis codicibus editorum tomus III*. Esta primeira edição foi marcada por deliberadas intervenções no texto feitas por Mai numa tentativa de reduzir o que considerava ser passagens mais sexuais ou violentas. Desse modo, suas transcrições por vezes se mostravam arbitrariamente incorretas, como na alteração de palavras como *complexus* ('abraçado', 'envolvido') para *compressus* ('sobraçado', 'comprimido', 'estuprado'), em sua tentativa de amenizar a passagem (K. O. ELLIOTT & J. P. ELDER, 1947, p. 192).

As três obras tiveram uma segunda edição por Bode, em 1834, e ficariam conhecidas, em seu conjunto, como *Mitógrafos do Vaticano*, com cada obra em específico ganhando o nome de Primeiro, Segundo e Terceiro Mitógrafo. Em seu conjunto, as obras são manuais e repositórios de mitos gregos e romanos, com o intuito tanto de preservar a tradição mitográfica como também de interpretar os mitos segundo os critérios da moral cristã. Assim, os Mitógrafos se assemelham no gênero textual que escrevem, apesar de que cada um possui suas distinções.

Do Primeiro Mitógrafo existe apenas um manuscrito, datando do século XII, o Vat. Reg. lat. 1401. A obra é dividida em três partes, contendo 101 mitos na primeira, 102 na segunda, e 31 na terceira, segundo a edição de Mai. A escrita é resumida, os mitos sendo rapidamente tratados, servindo como um compên-

\* victor.mamede@hotmail.com

Recebido em 18/11/2019  
Aprovado em 29/12/2019

dio de citações e de referências retiradas da obra de diversos autores e escoliastas, numa forma de escrita de colagem. No Primeiro Mitógrafo, destacam-se os autores: Sérvio, Lactâncio, Solino, Fulgêncio e Isidoro.

O Segundo Mitógrafo, similar ao primeiro, mantém o mesmo estilo de escrita resumida, buscando ser também um repositório de mitos, de número semelhante ao do Primeiro, totalizando 230 mitos na edição de Mai. Contudo, há três grandes diferenças: primeiro, as narrativas dos mitos costumam ser mais longas, o que pode decorrer em função de o Segundo Mitógrafo utilizar mais fontes do que o Primeiro. Em segundo, o estilo de escrita é um pouco mais trabalhado. E terceiro, a arrumação dos mitos aparenta seguir uma ordem e propósito: uma sucessão de histórias que começam falando sobre divindades seguindo uma ordem hierárquica. Começa com Saturno, seguindo sua prole, daí os outros deuses principais do panteão, depois deuses menores, profetas e mortais de grande destaque (ibid. p. 199-200). Sobre as fontes, elas são semelhantes às do Primeiro, sendo também incerto se o Segundo Mitógrafo teve contato com a obra do Primeiro.

Sobre o Terceiro Mitógrafo, ele é quem mais se diferencia dos outros a partir da abordagem e do estilo. Diferentemente dos outros, que funcionavam como um repositório de mitos com o objetivo de servir de referência, o Terceiro contém apenas alguns mitos seletos tratando de Saturno, Cibele, Júpiter, Juno, Netuno, Pluto, Prosérpina, Apolo, Mercúrio, Palas, Vênus, Baco, Hércules, Perseu e os *duodecim signa caeli* (doze signos do zodíaco). A escrita é extensiva, detalhista e com grande foco na interpretação dos mitos.

Os Mitógrafos do Vaticano se inserem dentro do contexto da mitografia e da análise mitográfica. Contudo, o contexto da mitografia durante o período medieval cristão difere da maneira como se observa a mitografia moderna, a qual, segundo Ruiz de Elvira, seria: "...o estudo pormenorizado das fontes mitográficas descritas, com referências a cada um dos mitos e usando a crítica das fontes em todos os seus aspectos, textual, genético-cronológico, comparativo, documental e literário (RUIZ DE ELVIRA, 1968, p. 146-147).

No contexto do período medieval cristão, a preservação dos mitos dos povos pagãos se dava por duas razões principais. Primeiro, os mitos possuíam uma importância e peso cultural que não podiam simplesmente ser apagados ou desconsiderados. Segundo, havia interesse em se utilizar dos mitos como formas simbólicas para se ensinar lições morais.

De fato, a interpretação dos mitos é uma prática antiga, feita para os mais diversos interesses. Os sofistas foram um dos primeiros que começaram a tensionar o lugar dos mitos, prática que viria a dar início aos modos de interpretação deles a partir de diversos aparelhos interpretativos. Para os pré-socráticos havia o interesse de "desmitologizar" a religião, não só indo contra os aspectos "imorais" apresentados pelos deuses (fratricídio, incesto, adultério etc.), mas igualmente tentando apartar os fenômenos naturais das questões dos deuses (HERREN, 2017, p. 37). Já em meados do século V, para os pensadores Gregos, a natureza (*physis*) se tornava o paradigma hermenêutico da interpretação da realidade. O mundo continha suas próprias causas de funcionamento, e os deuses ficavam relegados ao mundo das alegorias (ibid. p. 98).

No início da era Cristã, havia uma convivência entre os povos pagãos e os cristãos, pois eles coexistiam numa mesma realidade, iam às mesmas escolas, estudavam os mesmos textos e dividiam um mesmo mundo, mesmo que não participassem dos mesmos rituais (ibid. p. 148).

Em razão dessa convivência, também os mitos fizeram parte do acervo cultural dos cristãos e, igualmente, viriam a ser interpretados de modo a servir aos seus interesses, sobretudo na prática do "verniz cristão", nome dado ao uso de interpretações moralizantes segundo a ética cristã.

Dos modos de interpretação dos mitos, existem, sobretudo três principais estratégias: a interpretação evemerista, a alegórica e a etimológica. É possível separar em grupos menores as estratégias interpretativas. Durán aponta a estratégia racionalista (também nomeada de palefatismo), que teria iniciado com Paléfato, no séc. IV a.C. Ela buscaria uma relação com a historiografia, apontando que: "os mitos são o resultado da transformação de feitos triviais devido a uma alteração do relato original" (DURÁN, 1997, p. 140).

A interpretação Evemerista recebe seu nome a partir de Evêmero de Messina (sécs. IV e II a.C). No caso, Evêmero havia proposto que os deuses seriam, na verdade, pessoas importantes no passado que, com o passar do tempo, ganhariam status divino pelos seus descendentes. Evêmero pode ser visto como o iniciador da alegoria realista (BRISSEON, 2004, p. 48), buscando interpretações realistas e históricas para os mitos.

A interpretação alegórica acredita que os mitos encerram em uma malha simbólica capaz de expressar verdades profundas (DURÁN, 1997, p. 139). Por fim, a estratégia etimológica busca explicar a origem de um mito ou ser fantástico a partir da elucidação do significado de seu nome. Registra-se, ainda, a interpretação física, segundo a qual os deuses se associam a entidades naturais, do mundo físico, sendo os nomes dos planetas, por exemplo, uma demonstração de sua manutenção na esfera celeste.

O chamado "verniz cristão" lançava mão de todas as estratégias interpretativas descritas, sobretudo com um intuito de criar uma conduta moralizante do mito pagão para que pudesse instruir o leitor cristão. Nos dois textos selecionados, que compõem o proêmio e a primeira narrativa do Segundo Mitógrafo do Vaticano, podemos observar todas essas estratégias em prática.

Bastante programático, o primeiro texto, *Vnde uocetur fabula* ("Por que se diz fábula"), apresenta, logo ao início, a estratégia etimológica, explicando a origem das fábulas a partir da palavra *fando* (do verbo *for*, 'falar'), de modo a explicar que tais narrativas (e por extensão, os mitos) são coisas imaginadas, fictícias, isto é, inventadas na fala, e que não ocorreram concretamente. Depois, conforme vai apresentando os diferentes tipos de fábulas, o Mitógrafo comenta sobre como existem aquelas feitas para deleite, e aquelas feitas sobre a natureza das coisas. Nesse ponto, observamos a estratégia de interpretação alegórica, onde as figuras mitológicas existem para demonstrar significados ocultos – como Vulcano ser coxo por representar o fogo, o qual não tem uma forma retilínea; ou como a Quimera, na verdade, é uma alegoria representando as diferentes etapas na vida de uma pessoa.

O segundo texto, intitulado *De diversis nominibus deorum* ("Dos diversos nomes dos deuses"), é também programático e apresenta fortemente uma leitura de interpretação evemerista. Logo nas primeiras linhas é discutido como que os deuses venerados pelos pagãos foram, no passado, pessoas comuns que, após a morte, começaram a ser adoradas pelos descendentes. Depois, há um encadeamento com uma interpretação etimológica, ao se dizer que os deuses são nomeados a partir de suas ações – e, portanto, há uma razão etimológica direta que explica a natureza dos deuses, como Líber (a velha divindade itálica associada a Baco) e a palavra *liber* ('livre', mas também 'licencioso', 'desregrado). O Mitógrafo chega a apontar um juízo moral de valor, ao dizer que os descendentes, ao cultuarem as pessoas como deuses, estariam sob o efeito da persuasão de demônios.

Seguem-se, pois, os textos em latim, a partir da edição crítica de Kulcsár (1987). Em seguida, apresenta-se a tradução anotada.

## 1) VNDE VOCETVR FABVLA

Fabulas poete a fando nominauerunt, quia non sunt res facte sed tantummodo loquendo fictae, que ideo sunt inductae ut fictorum mutorum animalium inter se colloquio imago quedam uite hominum nosceretur.

Has primus inuenisse traditur Alcimon Crotoniensis appellanturque Esopice quia is apud Frigias in hac re poluit. Sunt autem fabulae aut Esopice aut Lybistice. Esopice sunt cum animalia muta inter se sermocinasse finguntur uel que animam non habent ut urbes, arbores, montes, petre, flumina; Lybistice autem dum hominum cum bestiis aut bestiarum cum hominibus fingitur uocis esse commercium. Fabulas poete quasdam delectandi causa finxerunt, quasdam ad naturas rerum, nonnullas ad mores hominum interpretati sunt.

Delectandi causa fictas ut eas quas uulgo dicunt uel quales Plautus et Terentius composuerunt, ad naturam rerum fabulas fingunt ut Vulcanus claudus, quia per naturam nunquam rectus est ignis, ut illa triformis bestia: *Prima leo, postrema draco, media ipsa Chimera*, id est caprea, etates hominum per eam uolentes distinguere, quarum ferox est et horrens prima adolescentia ut leo, dimidium uite tempus lucidissimum ut caprea eo quod acutissime uideat, tunc fit senectus casibus subiaccens inflexis ut draco, sic et Ippocentauri fabulam esse confictam, id est hominem equo mixtum, ad exprimendam humane uite uelocitatem quia equum constat esse uelocissimum, ad mores ut apud Horacium mus loquitur muri et mustela uulpecule, ut post narrationem fictam ad id, quod agitur, uerax significatio referatur. Vnde et Esopi tales sunt fabulae ad morum finem relate, uel sicut in libro ludicum ligna sibi regem requirunt et loquuntur ad oliuam et ad ficum et ad uitem et ad rubum, quod totum utique ad mores fingitur, ut ad rem, que intenditur, ficta quidem narratione sed ueraci significatione ueniatur.

Sic et Demosthenes orator fabula usus est aduersus Philippum qui, cum ab Atheniensibus postularet ut sibi decem oratores darentur et discederet, finxit ille hanc fabulam qua dissuaderet, dicens lupum aliquando pastoribus, quorum diligentiam decipere uoluisset, suasisse ut in amicitiam conuenirent ea tamen condicione ut si canes, in quibus erat causa iurgiorum, iure illis traderentur, annuisse pastores et in spem securitatis dedisse canes quos ouium suarum uigilantissimos custodes habebant, tunc lupi adempta omni formidine omne, quod in gregibus illis erat, non pro sacietate tantum uerum pro libidine lacerauerunt, Philippum quoque principes populi postulare quo facilius possit opprimere spoliata custodibus urbem.

## 1) POR QUE SE DIZ 'FÁBULA'<sup>1</sup>

Os poetas nomearam as fábulas a partir de *fando*<sup>2</sup>, porque não foram coisas realizadas, mas tão somente inventadas na fala, que foram criadas por esta razão: para que, no colóquio de fictícios animais mudos, entre si, certa imagem da vida dos homens fosse reconhecida.

Diz a tradição que primeiro Alcméon<sup>3</sup> de Crotona tenha inventado as fábulas e que são chamadas de Esópicas<sup>4</sup> porque Esopo, entre os Frígios<sup>5</sup>, abundou nesse tipo de produção. Existem, contudo, fábulas tanto esópicas quanto líbicas<sup>6</sup>. Esópicas são quando animais mudos ou as coisas que não têm alma, como cidades, árvores, montes, pedras, rios, são imaginados tendo conversado entre si. Do outro lado, são líbicas enquanto é imaginado haver comércio de voz<sup>7</sup> de homens com bestas ou de bestas com homens. Os poetas inventaram algumas fábulas com o objetivo de deleitar, e expuseram algumas sobre as naturezas das coisas, não poucas sobre os costumes dos homens.<sup>8</sup>

Chamaram as criadas com o motivo de deleitar aquelas de origem popular ou as do tipo que Plauto e Terêncio compuseram; [os poetas também] criaram as fábulas sobre a natureza das coisas, como a de Vulcano coxo, pois o fogo nunca é reto por natureza; como a daquela besta triforme: *a parte de cima um leão, a parte traseira uma serpente, a parte central uma quimera propriamente*, isto é uma cabra<sup>9</sup>. Através dela, queriam distinguir as idades dos homens, das quais feroz e horrível como o leão é a primeira, a adolescência; depois o tempo dimídio da vida<sup>10</sup> é o mais lúcido, como a cabra, porque ela veria com bastante agudeza; então chega a velhice, sujeita a desventuras incertas, como o dragão. Assim também dizem ter sido inventada a fábula do Hipocentauro<sup>11</sup>, isto é, o homem misturado com cavalo, para exprimir a velocidade da vida humana, pois consta o cavalo ser muito rápido. Por fim, foram feitas fábulas sobre os costumes, como em Horácio<sup>12</sup> um camundongo fala com um camundongo e uma doninha com uma raposinha, de modo que, após feita a narrativa sobre isso, que é vivido, o verdadeiro significado é referendado. A partir daí também foram relatadas tais fábulas de Esopo relativamente ao propósito dos costumes, ou assim como no *Livro dos Juizes* as madeiras requerem para si um rei e falam com a oliva, o figo, a vinha e a amoreira<sup>13</sup>. Tudo isso, em qualquer caso, é inventado segundo os costumes, para que se chegue à realidade em si, que é o que se pretende, representada certamente pela narração, mas com sua verdadeira significação<sup>14</sup>.

Assim também o orador Demóstenes fez uso de uma fábula contra Felipe<sup>15</sup>. Como este teria requerido dos Atenienses que dez oradores fossem dados para si e depois disso partiria, aquele inventou esta fábula com a qual os dissuadiria, dizendo que um lobo, certa vez, teria persuadido os pastores, dos quais desejava enganar a atenção, para que conviessem em amizade, porém somente na condição de que os cães, nos quais estava a causa das altercações, fossem entregues por lei para ele. É dito terem concordado os pastores e, na esperança de segurança, terem dado os cães, que tinham como os mais vigilantes defensores de suas ovelhas. Então os lobos, com todo o temor retirado, destroçaram tudo que naquele rebanho havia, não só por saciedade mas tanto mais por desejo. [Demóstenes] perguntou a Felipe e também aos líderes do povo de que maneira mais fácil se poderia oprimir a cidade espoliada de seus defensores.

1. Vd. (Isid. *orig.* 1. 40), (Lucre. 5. 903), (Hor. *sat.* 2. 6. 80; *epist.* 1. 7. 32), e o Livro dos Juizes (9. 8-15)

2. É dada uma razão etimológica para a palavra 'fábula', a de que teria se derivado de *fando*, gerúndio do pouco usado verbo *for* ('falar').

3. Filho de Perito, filósofo pré-socrático, médico da cidade de Crotona e discípulo de Pitágoras. Sobre essa versão do surgimento da fábula apresentada por Isidoro e compilada aqui, deve-se observar que não conhecemos fábulas entre os fragmentos do filósofo. Os motivos pelos quais seu nome aparece aqui poderia residir no fato de o médico ter sido o primeiro a estabelecer a diferença entre os homens e os animais (vd. Van Dijk, G. J. *Ainoi, Logoi, Mythoi: Fables in Archaic, Classical, and Hellenistic Greek Literature*. Leiden, New York, Köln: Brill, 1997, p. 311-312; Theophrastus, *De sensibus*. 25-26 (24A5 Diels-

Kranz)). Uma outra possibilidade poderia residir numa aplicação de uma metáfora médica à política (Alcmaeon Crot. 24B4 Diels-Kranz ap. Aet. V 30.1) que, segundo Van Dijk (1998), também estaria na base de uma famosa fábula, que lemos em Lívio (2. 32), sobre a cooperação necessária que deve haver entre os membros do corpo narrada por Menênio Agripa em 494 A.C. Van Dijk ainda nos oferece a possibilidade de se tratar de uma corrupção do nome do Esopo árabe (*Loqman*), em que a primeira sílaba (*al Loqman – Alcimón*) indicaria a origem árabe (Van Dijk, G. J. *Suplemento al inventario de la fábula greco-latina. Épocas arcaica, clásica y helenística. EM* (LXVI 1), 1998, p. 15-22).

4. Esópicas porque são fábulas ao estilo de Esopo, escritor grego antigo ao qual se atribui diversas fábulas populares, em oposição a um outro tipo de fábula.

5. Povo da Ásia Menor, onde hoje se encontra a Turquia.

6. Entre os gregos havia a noção de que a fábula não teria sua origem em Esopo, visto que se fazem referências a fábulas de outros povos. Aqui, o Mitógrafo apresenta variações entre fábulas esópicas e aquelas ditas líbicas (*libystica*, da Líbia).

7. Comércio de voz, isto é, troca de palavras, conversação.

8. A perífrase verbal *interpretati sunt*, no masculino plural, pode fazer referência a *poetae* (termo citado logo atrás), "Os poetas determinaram algumas de acordo com as naturezas das coisas" (natureza aqui pode ser singular na tradução). No aparato crítico de Kulcsár, vê-se que o códice *B* registra *homini interpretati* ("os homens interpretaram algumas fábulas segundo seus costumes"), possivelmente uma forma de fazer valer um sujeito masculino à perífrase *interpretati sunt* em lugar do subentendido *poetae*.

9. Aqui se encontra verso inteiro de Lucrecio (5. 905). A Quimera é criatura mitológica com aparência híbrida de diversos animais.

10. Isto é, o ponto médio da vida é o mais esclarecido.

11. Criatura da mitologia cuja metade superior (tronco para cima) tem forma de homem e a inferior (as quatro pernas) a de um cavalo.

12. Vd. Horácio (*sat.* 2. 6. 79-117; *epist.* 1. 7. 32).

13. *Livro dos Juizes*, 9. 8-15: "Foram uma vez as árvores a ungir para si um rei, e disseram à oliveira: Reina tu sobre nós. / Porém a oliveira lhes disse: Deixaria eu a minha gordura, que Deus e os homens em mim prezam, e iria pairar sobre as árvores? / Então disseram as árvores à figueira: Vem tu, e reina sobre nós. / Porém a figueira lhes disse: Deixaria eu a minha doçura, o meu bom fruto, e iria pairar sobre as árvores? / Então disseram as árvores à videira: Vem tu, e reina sobre nós. / Porém a videira lhes disse: Deixaria eu o meu mosto, que alegra a Deus e aos homens, e iria pairar sobre as árvores? / Então todas as árvores disseram ao espinheiro: Vem tu, e reina sobre nós. / E disse o espinheiro às árvores: Se, na verdade, me ungis por rei sobre vós, vinde, e confiai-vos debaixo da minha sombra; mas, se não, saia fogo do espinheiro que consuma os cedros do Líbano".

14. Vemos aqui a justificação dos mitos pelo Mitógrafo como histórias com significados ocultos a serem desvendados, demonstrando assim uma interpretação alegórica.

15. *Filípicas* são um conjunto de discursos feitos por Demóstenes contra Felipe II da Macedônia. Nestes discursos, o filósofo incitou os atenienses a lutarem conforme chamava Felipe II de bárbaro. O modelo das *Filípicas* ficou famoso, sendo inclusive usado por Cícero, grande orador Romano.

## 2) DE DIVERSIS NOMINIBVS DEORVM

Hii quos pagani deos asserendo uenerantur, homines olim fuisse produntur et prouiuscuiusque uita uel meritis colere eos sui post mortem ceperunt ut apud Egyptum Ysis, apud Cretam Iuppiter, apud Mauros Iuba, apud Latium Faunus, apud Romanos Quirinus, apud Athenas Minerua, apud Samum Iuno, apud Paphos Venus, apud Lemnos Vulcanus, apud Naxos Liber, apud Delos Apollo, in quorum etiam laudibus accesserunt poete et compositis carminibus in celos sustulerunt. Ab actibus autem uocantur ut Mercurius quia mercibus preest, Liber a libertate. Fuerunt etiam et quidam uiri fortes aut urbium conditores quibus mortuis homines, qui eos dilexerunt, simulacra finxerunt ut haberent aliquid ex imaginum contemplatione solatium.

Sed paulatim hic error posteris demonum persuasu irrepsit ut, quos illi pro sola nominis memoria honorauerunt, successores ut posterius deos estimarent et colerent. Stoici dicunt non esse nisi unum deum et unam deam eademque esse potestate que pro ratione officiorum et actuum uariis nominibus appellantur. Deum eundem Solem, eundem Liberum, eundem Apollinem uocant, item deam eandem Lunam, eandem Dianam, eandem Cererem, eandem Iunonem, eandem Proserpinam dicunt. Numina autem utriusque sexus esse uidentur, ideo quia incorporea sunt et quod uolunt, corpus assumunt.

## 2) DOS DIVERSOS NOMES DOS DEUSES<sup>16</sup>

Contam que estes que os pagãos veneram chamando de deuses foram outrora homens e, por conta da vida ou dos méritos de cada um, os pagãos começaram a adorá-los após a sua morte<sup>17</sup>, como Ísis no Egito<sup>18</sup>, Júpiter em Creta, Juba entre os Mouros, Fauno no Lácio, Quirino entre os Romanos, Minerva em Atenas, Juno em Samo, Vênus em Pafos, Vulcano em Lemos, Líber em Naxos, Apolo em Delfos. Entre os que louvam esses deuses também se acrescentaram os poetas, que os elevaram aos céus com os poemas que compuseram. Por suas ações são os deuses nomeados, como Mercúrio porque preside as mercadorias, e Líber por conta da liberdade. Também houve certos varões fortes ou fundadores de cidades aos quais, quando mortos, os homens, que os valorizavam, moldaram estátuas para que tivessem algum consolo pela contemplação de suas imagens<sup>19</sup>.

Mas ao longo do tempo este erro, pela persuasão de demônios, continuou entre os descendentes de modo que, aqueles que antes os tinham honrado só pela memória do nome, os sucessores, como descendentes, os adorariam e cultuariam como deuses. Os estoicos dizem não existir senão um deus e uma deusa e que são iguais em poder, os quais, por razão dos seus deveres e de seus atos, são chamados por vários nomes. Nomeiam como o mesmo deus ao mesmo tempo o Sol, Liber e Apolo; do mesmo modo, como a mesma deusa chamam Luna, Diana, Ceres, Juno e Prosérpina<sup>20</sup>.

---

16. Vd. Isidoro (*Orig.* 8. 11. 1-5), Sérvio (*Aen.* 7. 416).

17. O Mitógrafo passará a apresentar uma espécie de catálogo de possíveis deuses que tiveram, numa visão evemerista, existência real: Ísis, a deusa egípcia da maternidade e fecundidade, esposa de Osíris; Júpiter, o Zeus latino; Juba II, rei berbere da Númia e de Cesareia, a Mauritânia Romana, que correspondia aos estados modernos de Marrocos e Argélia. Fauno, deus dos rebanhos e da fecundidade por vezes confundido com Pã; Quirino, nome divinizado dado a Rômulo após sua morte; Minerva, deusa romana da sabedoria e conhecimento, identificada com a deusa grega Atenas; Juno, deusa romana assimilada a Hera, presidindo sobre os nascimentos mas, de maneira geral, sobre as mulheres – especificamente, as mulheres com estatuto jurídico dentro da cidade, isto é, casadas (a deusa estaria relacionada ao matrimônio, ao maternal, e à feminilidade); Vênus, deusa do amor e da beleza feminina (a relação de Vênus com a sexualidade teve uma importância especial dentro da liturgia cristã em razão da demonização do sexo e da sexualidade, como poderemos ver mais à frente em outros mitos); Vulcano, divindade romana ligada ao fogo e à forja, contraparte de Hefesto da mitologia grega; Liber, antiga divindade latina que depois se confundiu com Baco, o deus dos vinhos e festas; Apolo, deus que pertence à segunda geração dos deuses do Olimpo, filho de Zeus e Leto, irmão de Ártemis, deusa da caça (é uma divindade importante de diversos domínios, como música, artes, profecia, além de ser deus dos pastores e da arquearia).

18. O Mitógrafo elencará diversas localidades onde os deuses teriam nascido. Samo: Ilha do mar Egeu, onde haveria muitos templos para Juno. Também seria a ilha próxima à queda de Ícaro – filho de Dédalo, arquiteto do labirinto onde ficaria o Minotauro que confeccionou asas de cera para escapar do aprisionamento pelo rei Minos. Ícaro teria voado muito próximo ao sol, fazendo a cera que mantinha as asas derreter e, com isso, teria caído para a morte. Pafos – Cidade da ilha de Chipre, famosa por seu culto a Vênus. Lemos – Ilha do mar Egeu onde Vulcano teria surgido. Naxos – Ilha do mar Egeu que pertence ao arquipélago das Cíclades. Seria a ilha onde Ariadne teria dormido, sendo abandonada por Teseu após este ter matado o Minotauro. Delfos – Cidade famosa por seu oráculo, tendo o epíteto Oráculo de Delfos. Pítia era o título dado às altasacerdotisas que falavam as profecias – nome que derivou do mito de como Apolo teria, com flechadas, matado a serpente Píton e, desse modo, tomado para si o oráculo. O processo oracular se dava quando a pítia entrava em transe, estando sob a influência de vapores que vinham do solo do templo. O Oráculo de Delfos teve grande influência na antiguidade.

19. O deus Mercúrio é a contraparte latina de Hermes. É considerado deus dos viajantes e do comércio. Aponta-se a proximidade da palavra *merx*, *mercis* ('mercadoria') a Mercúrio. Cf. a fábula fulgenciana *Vnde idolum* (Fulg. *myth.* 1. 1); para a tradução desta fábula, vd. Amarante e Bernal (2015) e Amarante (2019). Sobre o tema da criação de ídolos em lugar dos mortos, veja-se Amarante (2018).

20. Aqui o mitógrafo apresenta uma lista de deuses (sobre os quais já tratamos em notas anteriores) e uma lista de deusas cujas funções se aproximariam: i) Luna, deusa romana relacionada à lua, que rapidamente foi aproximada a Diana. Curioso notar que havia também a deusa Lua (não confundir com 'lua' em português). A deusa Lua era uma antiga divindade romana da pestilência, relacionada a Saturno, e não teria relação com Luna; ii) Diana, deusa romana identificada com a grega Ártemis; iii) Ceres, nome



romano da deusa grega Deméter, ligada à vegetação; iv) Juno, esposa e irmã de Júpiter (vide nota supra); v) Prosérpina, deusa romana identificada com a grega Perséfone. Ligada ao submundo, mas, no começo, era uma divindade agrária aproximada à germinação das plantas.

## Referências

- AMARANTE, José. O livro de Mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: Edufba, 2019.
- AMARANTE, José. "A explicação fulgenciana para o surgimento dos deuses: um amálgama pagão-cristão?", *Hypnos* 41 (2018), pp. 215-236.
- AMARANTE, José; BERNAL, Sílvio. "Unde idolum: Sobre a origem dos ídolos", *A Palo Seco*, 7 (2015), pp. 90-94.
- BRISSON, Luc. *How Philosophers Saved Myths*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- ELLIOTT, Kathleen O., and ELDER, J. P. "A Critical Edition of the Vatican Mythographers", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 78 (1947), pp. 189–207.
- FRANCO DURÁN, M<sup>a</sup> J. (1997): "Los manuales mitográficos medievales como fuente de transmisión de las fábulas antiguas", *Scriptura*, 13 (1997), p. 139-149.
- HERREN, Michael. *The anatomy of myth: the art of interpretation from the presocratics to the church fathers*. New York, New York: Oxford University Press, 2017.
- KULCSÁR, Peter (ed.). *Mythographi Vaticani I et II*. Turnhout: Brepols, 1987.
- RUIZ DE ELVIRA, Antonio. "Estado actual de los estudios de mitología: análisis mitográfico y síntesis mitológica", *Actas del III Congreso Español de Estudios Clásicos – v. 1* (1968), pp. 141-174.